

O diálogo na comunicação verbal espírita

Luiz Signates

Resumo: Este artigo defende modelos de interação verbal que não sejam apenas baseadas no formato de palestras dentro das atividades religiosas. Propõe alternativas que sejam mais dialógicas e a partir da maiêutica de Sócrates.

A forma monologal de comunicação verbal tem aspectos positivos e negativos, conforme enumera a educadora Ruth Berard (1970).

Havendo, pois, vantagens e desvantagens, não somos dos que postulam o banimento da palestra, como alternativa válida para a difusão da idéia espírita. Grande parte deste livro se volta exatamente no sentido de aprimorar o monólogo.

Entretanto, a experiência do movimento espírita, conforme procuramos comentar em outro trabalho¹, demonstra que esse formato é pedagogicamente insuficiente. A sociedade atual, condicionada pelos meios de comunicação de massa, convive com níveis de informação e participação jamais vistos, exigindo um tratamento comunicacional em parâmetros de atualidade e diálogo.

Esta é a razão fundamental, por que substituímos o conceito de “divulgação doutrinária”, consagrado pelos espíritas, mas tecnicamente incompleto, pelo de “comunicação social espírita”, mais abrangente. Esse, também, foi o motivo pelo qual abandonamos o termo “exposição doutrinária”, substituindo-o por “comunicação verbal espírita”. O diálogo é o novo paradigma para as reuniões públicas e a palavra falada no Espiritismo.

O rompimento com o monólogo e a instauração da autêntica comunicação verbal na difusão da idéia espírita a platéias instáveis e heterogêneas (público-alvo essencial da comunicação social, no que difere dos programas de cursos e estudos das casas espíritas), tem sido orientada para duas técnicas:

- a) **Exposição seguida de diálogo.** É a mais comum, nas instituições que já adotam algum tipo de diálogo com o público. O expositor faz uma palestra introdutória ao tema e, em seguida, responde a perguntas do auditório. Esse modelo é o mais sujeito a surpresas e imprevistos, razão pela qual a recomendação aos dirigentes é no sentido de que posicionem nessa técnica apenas expositores com segurança doutrinária, haurida no estudo e na experiência.

A cessão da palavra ao auditório pode ser feita por diversas formas. Em regra geral, o que determina a técnica a ser utilizada é a quantidade de espectadores presentes. Platéias pequenas, de até trinta pessoas, poderá intervir mediante a concessão da palavra com um simples levantar de mão. Platéias maiores exigem a chamada “palavra sob inscrição”, em que os interessados sinalizam sua pretensão de intervir e o dirigente (não o expositor) anota-lhes o

¹ SIGNATES, Luiz (1995) *Administração de palestras em reuniões públicas*. In: ANAIS DO CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL/1995. Goiânia : Feego. Pg. 91-98.

nome, concedendo-lhes a palavra na ordem dos inscritos. Uma variante dessa alternativa é a pergunta escrita, na qual o controle da mesa diretora sobre o que vai ser perguntado é total. Outra técnica conveniente para auditórios grandes é o posicionamento do microfone no corredor, próximo ao palco, junto ao qual os interessados entrarão em fila e, na ordem, farão as perguntas. Este critério tem a desvantagem de obrigar a locomoção das pessoas na platéia, mas dispensa a inscrição.

Deve-se, a todo custo, evitar o monopólio da palavra por um único debatedor. Caso isso aconteça, deve-se interrompê-lo cortesmente, bastando, para isso, às vezes, um repentino comentário sobre o que ele esteja falando, com a concessão da palavra a outro debatedor. Em último caso, pode-se solicitar síntese, a fim de que outros tenham oportunidade de falar.

Por fim, não incomodar os que preferirem o silêncio e acatar com respeito e acato todas as perguntas, mesmo as que pareçam ridículas e disparatadas.

- b) **Maiêutica espírita.** Chamamos assim a adaptação que fizemos do método socrático ao diálogo espírita com o público. Obtivemos excelentes resultados em sua aplicação, especialmente no estudo de “O Livro dos Espíritos”, por sua conformação dialogal, razão pela qual recomendamos que os iniciantes comecem por esta obra. A opção por este livro parece-nos óbvia: além de ser o alicerce da filosofia espírita, trata-se de uma obra essencialmente maiêutica, representando um resumo extraordinário do diálogo franco e inteligente de Kardec com os Espíritos. Apesar disso, a aplicação dessa técnica é compatível com qualquer tema.

Quanto à preferência metodológica, relembramos a importância dada a Sócrates por Kardec, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, ao referenciá-lo como “precursor do Espiritismo”, juntamente com seu pupilo, Platão. O sábio grego cria que as criaturas humanas trazem consigo o conhecimento latente, sendo que a indagação funciona como elemento despertador do potencial já existente. A dicotomia “potência-ato”, que teria em Aristóteles o seu primeiro teórico, já estava na prática do mestre de seu mestre. Hoje, o conhecimento da reencarnação e da natureza espiritual do ser corroboram de diversas maneiras essa filosofia. De forma que unir Sócrates na metodologia a Kardec no conteúdo, basta-nos para justificar um método simples de estudo espírita.

Outra preocupação do método é inserir a reflexão no ato de aprender. Unir sentimento e intelecto. O tratamento diferenciado à formação e à informação é distorsivo, contraditório e, portanto, incorreto do ponto de vista pedagógico. Infelizmente há centros espírita reproduzindo as distorções absurdas da história, cultivando o sentimento em meio à ignorância (fanatismo religioso, emocionalismo vazio, desinformação sentimentalóide) ou em meio à erudição fria (intelectualismo superficial, cientificismo trôpego, conhecimento sem *saber*). Rompamos com isso. O conhecimento espírita precisa estar vazado de reflexão interior e compromisso com a vida prática. Deus, Universo, Espírito, Evolução, Felicidade, Amor são realidades presentes no presente, instaladas no aqui e no agora, e se referem a nós, tanto quanto aos outros.

É bastante presente, ainda a justificação comunicacional, já que o método que apresentamos implica em alterações no procedimento usual da exposição doutrinária espírita. Buscamos superar, mais uma vez, o monólogo, em função do diálogo. O estabelecimento da forma dialógica da comunicação torna o emissor receptor e vice-versa, permitindo a permuta de informações, a interpretação teórica de experiências práticas e o enriquecimento do conteúdo.

Entretanto, entre os espíritas, há sempre a preocupação do tipo “doutrinária”. O comunicador, a quem se pode confiar um debate do tipo exposição seguida de diálogo, carece

de maior preparo do que o geralmente admitido. A dificuldade essencial encontra-se no comprometimento com o leque de conteúdos que emerge, sempre que há uma efetiva participação do público. O comunicador será sempre surpreendido por indagações, afirmações, contestações e, até, adulterações, incompreensões e ressignificações, relacionadas ou não ao que se esteja estudando. Sem alguma experiência e razoável suporte teórico na filosofia espírita, qualquer debate com o público pode trazer dificuldades.

Isso, contudo, não significa que a melhor opção seja a de impedir a manifestação do público. Seria medíocre se, sob o pretexto de proteger a Doutrina, viéssemos a sacrificar os interesses e necessidades de nosso público. O diálogo é necessário e se nem sempre os melhores expositores estão disponíveis, nossa alternativa passa a ser buscar uma ou mais técnicas dialógicas próprias para comunicadores médios.

Além disso, é necessário tirar do “orador espírita” a imagem de arrogância e autoritarismo implícita na postura de esse papel assume, dentro da instituição, de detentor do conhecimento doutrinário ante uma platéia ignorante. Como vimos na abordagem teórica, dentro da primeira parte deste livro, a postura buscada é a de comunicador, isto é, de mediador ou facilitador do processo do conhecimento, o que o coloca também na posição de aprendiz. Apesar disso, o problema da competência desse cooperador, para coordenar um debate, não deixa de ser importante.

No estudo que fizemos a respeito dessa problemática, a experiência mostrou que grande parte do problema poderia ser reduzido pela extinção ao máximo da improvisação. Nossa primeira descoberta foi a de que **é possível preparar um debate**. Com a maiêutica, elevamos ao máximo a participação do público e contamos com a vantagem da possibilidade de preparação, o que abre as possibilidades para os comunicadores médios, reduzindo os riscos dos imprevistos na abordagem dialogada do tema.

Consiste esta técnica em inverter a polarização de perguntas-respostas: É o orador quem pergunta e o público que responde, dentro do tema. Sua vivência dá a impressão de um divertido improvisado, entretanto, o expositor poderá ter amplo domínio dos acontecimentos. Como ocorre com qualquer forma de exposição espírita, esta técnica tem duas fases: preparação e aplicação.

A **preparação** é constituída de quatro etapas:

- 1) *Estudo das questões do item de “O Livro dos Espíritos” que abrangem o tema;*

Do item selecionado, estudar cada questão e sua resposta, utilizando, para isso, as técnicas abrangidas neste livro. Não há, pois, diferença no procedimento básico de estudo em relação ao monólogo.

- 2) *Seleção das perguntas a serem feitas (nem todas são necessárias ou possíveis);*

O critério deve ser o da importância da pergunta no contexto do tema. Nem todas são necessárias porque algumas podem entrar em detalhes desimportantes para o debate ou tratar de sub-questões sem função num diálogo público. Além disso, a quantidade de perguntas possíveis é sempre reduzida, pelo tempo disponível. Como o ato de perguntar constitui um motivador do diálogo, a seletividade é justificada.

- 1) *Previsão das respostas e contraditas;*

Prever as possíveis e prováveis respostas que poderão surgir e preparar as contraditas (argumentos ou re-perguntas, destinadas a incentivar alguma dúvida em quem responde, a fim

de fazer com que a pessoa reflita sobre sua própria opinião e com que os demais busquem respostas alternativas, criando o clima propício ao aprendizado).

1) *Interpretações e soluções a cada resposta ou contradita.*

Recomenda-se ao comunicador não deixar dúvida sem solução, isto é, apenas contraditar uma resposta quando souber resolver a dúvida instalada a partir da contradita. Isso, de certa forma, lhe confere segurança, diante do público.

Para tudo isso, manterá as anotações necessárias, estudando-as detidamente e, como é natural, levando à sala ou à tribuna apenas os esboços e os textos que julgue necessários para não se perder, ou para ilustrar suas explicações.

A **aplicação**, por sua vez, constitui-se de cinco etapas:

1) *Introdução, explicando a técnica, incentivando a participação e “quebrando o gelo”;*

Quando o público é o das reuniões públicas, a platéia varia de semana a semana, inclusive com a presença de muitos neófitos ou visitantes. Desta forma, será útil a explicação da técnica em cada reunião, para que todos saibam que a aplicação depende da participação efetiva entre comunicador e público. Uma pequena e respeitosa brincadeira pode ser feita, objetivando “quebrar o gelo”, isto é, desfazer a inibição da platéia. O *quebra-gelo* pode também ser utilizado após a primeira pergunta, especialmente se a resposta do público demorar, fato que costuma indicar que ainda se mantém alguma inibição por parte da platéia.

1) *Lançamento da pergunta;*

Ao invés de utilizar-se o recurso costumeiro, ou seja, ler a pergunta e a resposta do livro e tecer considerações, esta técnica abole o monólogo desde início, para lançar a indagação diretamente ao público. Com isso, objetivamos conseguir, ao mesmo tempo, excitar a curiosidade do público em relação ao tema, além de fazer aflorar a experiência pessoal do público, a fim de confrontá-la com os conceitos espíritas, promovendo o fenômeno da identificação, que induz o aprendiz à prática dos ensinamentos. A pergunta não deve, conforme o caso, ser simplesmente lida, sendo normal a necessidade de repeti-la e explicá-la, a fim de que todos a entendam e possam opinar livremente. Sobre os cuidados devidos ao controle das manifestações da platéia, falaremos adiante.

1) *Direcionamento das respostas, utilizando as “contraditas” e estimulando a dúvida controlada e a curiosidade pela resposta certa;*

Esse é o momento em que o instrutor precisa estar mais bem preparado, pois exige algum dom de improvisação, embora o modelo de preparação anterior que sugerimos seja específico para dirimir o máximo o imprevisto. Dentro do possível, as perguntas e contraditas, como já dissemos, devem ser previstas e solucionadas de antemão pelo comunicador. Assim, o debate poderá tomar vulto, com ampla participação, sem que o expositor se sinta doutrinariamente inseguro quanto às dúvidas lançadas por ele ou surgidas com a discussão. A busca pela resposta intensificará a curiosidade em relação à solução dada a Kardec pelos Espíritos (caso o estudo esteja seguindo O Livro dos Espíritos). Haverá oportunidades em que as pessoas se “angustiarão” por conhecê-la antecipadamente. O alto nível de interesse da platéia, o cumprimento das possibilidades de respostas previstas pelo instrutor, e, é claro, o tempo pensado para o debate constituem os indicadores através dos quais se saberá quando a solução do livro pode ser, enfim, dada.

1) *Leitura da resposta, adicionando um comentário final do expositor, que encerre as dúvidas existentes;*

Dialeticamente falando, a prática dos itens anteriores consolidam uma relação tese-antítese, que se estrutura pelo despertar dos conceitos experienciais da platéia em relação ao tema. Com isso, criou-se o clima propício ao aprendizado. Inicia-se aqui a leitura e a explicação da resposta contida no livro, que deve ser feita pausada e enfaticamente. Caso seja necessário, alguma palavra incomum da leitura deve ser “traduzida”, isto é, explicada por meio de sinônimos de mais fácil entendimento. Uma frase que mereça destaque pode ser repetida, a fim de frisá-la. Um breve comentário esclarecerá pontos obscuros, solucionando contradições e sofismas aventados durante o debate e reduzindo a possibilidade de dúvidas.

1) *Abertura para perguntas da platéia, a fim de solucionar alguma dúvida que haja permanecido; e*

Nesse ponto da aplicação da técnica, a platéia, acostumada com o debate, colocará dúvidas outras, pedirá melhores esclarecimentos e, o que é excelente, contribuirá com comentários de acréscimo, enriquecendo o estudo em andamento. O comunicador cuidará para que as abordagens não permaneçam no exclusivo patamar da teoria, mas desçam para a análise e o confronto práticos, iluminando o cotidiano das pessoas.

1) *Feito isso, poder-se-á recomeçar o ciclo, com outra indagação à platéia.*

A prática tem demonstrado que a técnica é simples e eficiente e, se aplicada com alguma arte, esse jogo de perguntas, debates, respostas e comentários adquirirá o gosto de um divertido aprendizado. Seu sucesso está condicionado também à firmeza doutrinária do expositor e à destreza na administração do público.

Recomendações gerais

Como se pode notar, a técnica é simples e eficiente. Aplicada com alguma arte, atributo que a experiência concederá, esse jogo de perguntas, debates, respostas e comentários adquirirá o gosto de um divertido aprendizado.

E tal arte consiste em dois aspectos fundamentais: a solidez doutrinária do expositor, haurida na preparação bem feita, e a sua destreza na administração do público. Este último quesito constitui sobretudo conquista da experiência.

Algumas recomendações podem ser trabalhadas tecnicamente:

☺ Evite o monopólio da palavra por algum debatedor. Sempre haverá, na platéia, os prolixos e os que quererão ocupar todo o tempo. O expositor poderá interrompê-lo com cortesia, através de um repentino comentário sobre sua resposta, e, de chofre, estender os olhos à platéia, indagando: “Há mais alguém que possua opinião diferente das que já foram emitidas?”, ou coisa semelhante. Isso deverá inibir a *excessiva* manifestação do prolixo. Apenas em último caso, o instrutor, com sorriso nos lábios, poderá dizer ao companheiro falante que seja sintético em sua manifestação, para que outros tenham oportunidade de falar.

☺ Há pessoas que jamais participam. E devem ser respeitadas. Aprenderão da mesma forma, e, portanto, não devem ser forçadas. De vez em quando, o instrutor pode lançar mão de um recurso do tipo: “as pessoas à direita ainda não participaram”, ou “e o pessoal de trás, não gostaria de ajudar na resposta?”.

☺ Todas as respostas devem ser recebidas com respeito e acato. Haverá opiniões ridículas ou agressivas, que causarão riso ou desagrado na platéia. Como a regra geral é o público *imitar* a reação do expositor, este ouvirá com atenção e presteza, e reagirá com equilíbrio, demonstrando

satisfação pelo fato de a pessoa estar participando. Poderá haver até quem discorde do conceito final, o que também deve ser encarado com naturalidade, já que as pessoas têm, de fato, o direito de pensarem livremente. Respeitar as condições de compreensão e lucidez dos outros é admitir que também somos limitados e que temos muito a aprender, inclusive com os que não adotam o Espiritismo.

☺ A dúvida do público pode ser irresponável pelo instrutor, naquele momento. Nesse caso, lança-se a pergunta de retorno ao público. Com isso, o comunicador consegue tempo para tentar solucionar a questão. Se ainda não for possível solucioná-la, outro auxiliar do instrutor poderá responder tal dúvida. Em último caso, o instrutor responderá em outra oportunidade, anotando tal dúvida para futura resposta.

☺ Quando surgir uma pergunta interessante, o comunicador deve não se apressar em respondê-la, retornando-a ao público. Uma pergunta desse tipo incentivará o público à participação.

☺ Determinadas pessoas da platéia fazem perguntas sobre fatos pessoais, e outras sobre fatos não pessoais. O comunicador necessita entender bem a formulação, e respondê-la de modo abrangente ou específico, mas sem evidenciar a *personalidade* do formulante da pergunta. Tal resposta certamente será bem aproveitada por todos.

☺ Incentivar o público a expressar uma só dúvida de cada vez, o que facilitará o entendimento da pergunta e a qualidade da resposta.